

PSICODRAMA E DIVERSIDADE: o mundo que queremos e fazemos

Maria da Penha Nery¹

Mariana Leão Côrtes Berquó²

Pettra Roque Araújo da Silva³

RESUMO

Neste relato de experiência, refletimos sobre o mundo e o Psicodrama que queremos, e apresentamos práticas socioterapêuticas que primam pela diversidade e inclusão. Buscamos responder até que ponto nossos trabalhos contribuem para libertar a pessoa de conservas culturais que adoecem, desenvolvendo a espontaneidade-criatividade. Ao compreendermos o quanto estamos imersos na realidade brasileira, patriarcal e neoliberal, com as ideologias e as desigualdades que geram violências e sofrimento aos grupos minoritários, verificamos a necessidade de nos letrarmos e de desenvolvermos a sociocrítica e autocrítica. No texto trazemos teóricos do Brasil e do mundo, e os filósofos da dissidência Paul B. Preciado (2020) e Judith Butler (2018). São pensadores que contribuem para a desconstrução de gênero, para a compreensão da sexualidade, das minorias sociopolíticas e das relações de poder. Observamos que as práticas sionômicas libertadoras fortalecem a ética relacionada à espontaneidade-criatividade que contribui para a igualdade social, para a consciência sociocrítica, para um mundo relacionado à convivência com as diferenças, e ao fomento da luta antirracista e contra a LGBTfobia.

Palavras-chave: psicodrama; diversidade; inclusão; minorias; LGBTQIA+.

ABSTRACT

In this experience report, we reflect on the world and Psychodrama we want, and present sociotherapeutic practices that prioritize diversity and inclusion. We seek to answer the extent to which our work contributes to the liberation of subjects from cultural constraints that contribute to mental illness by developing spontaneity-creativity on the subjects. By understanding how immersed patriarchal and neoliberal Brazilian reality is, with all its ideologies and inequalities that generate violence and suffering for minority groups, we saw the need to become better acquaintance with the literature in the subject and to develop socio-criticism and self-criticism. In the text we discuss the work of theorists from around the world, including Brazil, including the works of Paul B. Preciado (2020) and Judith Butler (2018). The work of these thinkers contributes to the deconstruction of gender, and to the understanding of sexuality, sociopolitical minorities and power relations. We conclude that liberating sionomic practices strengthen ethics related to spontaneity-creativity which contributes to social equality, socio-critical consciousness, a world related to coexistence with differences, and the promotion of the anti-racist fight and against LGBTphobia.

Keywords: psychodrama; diversity; inclusion; minorities; LGBTQIA+.

¹ Psicóloga, Psicodramatista Terapeuta-Didata e Supervisora pela FEBRAP. Consultora para empresas e escolas. E-mail: mpnery@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0100-0913>

² Psicóloga, Psicodramatista Terapeuta-Didata e Supervisora pela FEBRAP. Professora da ABP-DF. Mestranda de Psicologia da UNB. E-mail: marianaleaocb@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0000-2004-974X>

³ Psicóloga, psicodramatista, mestranda de Psicologia da UfdPar e professora de psicologia na FAMEP. E-mail: pettraroque@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0009-9375-1578>

INTRODUÇÃO

A história deste relato de experiência se inicia com o aquecimento em relação à relevante temática proposta pelos organizadores do 24º Congresso Brasileiro de Psicodrama: “Que mundo queremos? Eu, você, nós!”. O evento ocorreu em Belo Horizonte, em setembro de 2024. Eu, Penha Nery e Mariana Leão, inscrevemos um texto para o Grupo-debate sobre “Psicodrama e população estigmatizada”, coordenada por Daniela Cardoso e Érico Vieira.

O debate, depois de iniciado, foi suspenso durante um momento para dar voz a Petra Roque, que sofreu transfobia no Congresso. Os coordenadores do debate a convidaram para expor o que ocorreu. Diante desse fato, decidimos publicar o texto em forma de relato de experiência e convidar a Petra para ser autora conosco.

Em síntese, Petra nos diz que se sentiu atacada devido à insistência de uma pessoa em nomeá-la como “ele”, apesar de ela ter pedido diversas vezes que a chamasse como “ela”. Sentiu tristeza, constrangimento, desconforto, e recebeu suporte e apoio de alguns colegas.

A plateia presente no debate a acolheu e trouxe a necessidade do letramento sobre gênero/sexualidade/raça e da luta antirracista e antiLGBTfóbica, no evento e no meio psicodramático em geral.

Logo após o debate, a coordenação do Congresso, ao atender o pedido dos participantes que se sentiram violentados diante de ataques racistas e homofóbicos, suspendeu as atividades para todos se reunirem num teatro da Universidade. Nesse momento, foi realizado um evento sociodramático autogerido, com a voz dada aos que estavam em sofrimento. Petra nos alertou que o que aconteceu no Congresso é sistêmico, ocorre nas instituições, nos grupos e em eventos diversos da sociedade. Mas o acolhimento – a abertura para falar sobre compartilhar as dores e buscar saídas – fez e faz a diferença na conquista do mundo que queremos. A intensa participação dos coordenadores e da plateia resultou em um letramento em relação aos episódios e na busca de ações em prol da diversidade nas teorias e práticas do psicodrama.

Esse fato se assemelha ao que ocorreu no Congresso brasileiro *online* em 2020, quando foi também necessária a paralisação de atividades durante um período para trabalharmos as questões homofóbicas, como a insistência em teoria desenvolvimentista sobre a homossexualidade e sua patologização, e algumas abordagens racistas e de discriminações de gênero que emergiram.

Nota-se, principalmente a partir de então, que a comunidade psicodramática no Brasil se encontra cada vez mais aberta para a construção do mundo que queremos: diverso, inclusivo e igualitário, e que se aproxima da utopia moreniana (Moreno, 1984).

Teorias e práticas na busca da diversidade

Na empreitada em prol da inclusão e da diversidade temos, por exemplo, as recentes produções teóricas e práticas: os livros *Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões* (Malaquias, 2020), *Por uma vida espontânea e criadora: psicodrama e política* (Dedomenico; Merengué, 2020), *Etnodrama: contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais* (Malaquias, 2023), *Sexualidade, corpos e poder: desobediências criadoras* (Nery; Eutrópio; Vomero, 2024), *Sonho como resistência: psicodrama e neoliberalismo* (Merengué, 2024). Há também diversos artigos e Trabalhos de Conclusão de Curso recentes que trazem temáticas sobre psicodrama que abordam, por exemplo: LGBTfobia, decolonização, racismo, questões de gênero, feminismos, corpo, relações de poder ou novas configurações amorosas.

Todas essas obras se entrelaçam, visando principalmente às conquistas de visibilidade, voz, espaço, dignidade, vida vivível e direitos básicos para as populações oprimidas e excluídas da sociedade. Para Malaquias (2020, p. 15), a constituição do povo brasileiro traz o colonialismo, escravismo e racismo, e por isso “é necessário colocar em evidência a maneira como a história se fez e suas decorrências para as relações entre negros e não negros no Brasil”.

O foco no desenvolvimento dos grupos e relações, a partir da espontaneidade e da criatividade, torna o Psicodrama uma ciência potente para as transformações sociais. De acordo com Vieira (2020, p. 33). “o psicodrama pode, assim, ajudar a desvelar os mecanismos de encobrimento das relações de poder que permitem a exploração e a reprodução de privilégios injustos”. Vomero (2024, p. 49) reforça essa concepção, ao afirmar que “a potência do psicodrama está na sua arte de tecer desvios e na sua estrutura teórico-metodológica que rompe com saberes dicotômicos, dualistas e que privilegiam a superioridade da racionalidade, facilitando, assim, o tráfego por vias de resistência e enfrentamento da hegemonia”.

A desigualdade social, o racismo e todas as violências são expressos em estatísticas assombrosas no Brasil, evidenciando a urgência de mudanças sociais profundas. Dentro da questão de gênero, por exemplo, temos o resultado triste e alarmante de que em 2021, 3.858 mulheres foram mortas de forma violenta no Brasil de acordo com o Instituto de Pesquisa

Econômica Aplicada (IPEA). O número representa mais de 10 mortes por dia, uma profunda misoginia no País, colocando as mulheres como um dos maiores grupos de vítimas de violência cotidiana. E quanto aos efeitos do racismo (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2024), o assassinato de homens e mulheres negras lidera os *rankings* de homicídios no Brasil. Em 2021, tivemos 36.922 casos de homicídios de pessoas negras.

Nós, psicodramatistas, estamos nos debruçando em profundas questões histórico-culturais que nos subjetivam, permeando o desempenho de nossos papéis sociais, relacionais e grupais. E o desafio é desenvolvermos a ética em nossas práticas. Ética relacionada à espontaneidade-criatividade que promova a consciência sociocrítica, que produza um mundo relacionado ao diálogo empático, à convivência com as diferenças, à promoção da igualdade social e fomento da luta antirracista e contra a LGBTfobia.

Nesse sentido, em nossas teorias e práticas fazemos várias perguntas, dentre elas: que tipo de poder exercemos em nossa prática profissional? que mundo é esse que queremos? Como poderíamos desenvolver maior convivência com as diferenças? Como poderíamos construir um mundo com mais diálogo empático? Como, cada um de nós, pessoal e profissionalmente nos preparamos para esse mundo? Até que ponto nossa prática de fato contribui para libertar a pessoa de conservas culturais que adoecem, desenvolvendo a espontaneidade-criatividade? Como conquistamos a crítica social, de nosso trabalho e a autocrítica? São questões que precisam estar em nosso cotidiano profissional e em todas as áreas de atuação, sob pena de reproduzirmos injustiças sociais e mantermos o *status quo* de promoção de preconceitos, violências e desigualdades no País.

Além de quereremos esse mundo, precisamos ter as bases para a sua conquista, ou seja, o autoconhecimento, a consciência sociocrítica, o letramento sobre gênero/sexualidade/raça/classe, o preparo teórico e técnico. Nesse sentido, além dos estudos de psicodramatistas que estão se debruçando sobre a diversidade, e realizando uma prática nesse sentido, podemos também nos apoiar em teóricos da cultura e de gênero, ou os teóricos *queer*. Por exemplo, Preciado (2020) e Butler (2018) contribuem para a compreensão das diversidades, das minorias políticas e das relações de poder relacionadas a elas. Fazem profunda reflexão, principalmente, sobre a desconstrução do que é gênero e sexualidade.

Butler (2017) diz que gênero é uma construção social, é performativo, ou seja, nós o fazemos, nós o praticamos. O gênero não é essência, não nos é dado, é aprendido na vida social, cultural e histórica. Segundo a autora, na sociedade, algumas vidas não são inteligíveis e por isso não podem ser visíveis e vivíveis, como a população LGBTQIA+.

Na sociedade em que vivemos, patriarcal, neoliberal e judaico-cristã, as relações de poder social são vivenciadas dentro da ciseteronormatividade. A ciseteronormatividade nos revela que apenas a binaridade homem-mulher, a heterossexualidade e a família com filhos constituem o jeito de ser e de viver corretos, e que têm os privilégios socioeconômicos.

As existências dissidentes são categorizadas como patológicas, desviantes ou anormais. Em muitos países são vistas como criminosas ou pessoas que serão condenadas à prisão ou à morte. E, ainda, se colocarmos outras transversalidades, considerando outras minorias políticas como, por exemplo, as raciais e de classe, mais ainda poderosos os brancos/as brancas e os ricos/as.

As minorias, ou grupos sociopolíticos minoritários não se relacionam com quantidade, mas são os que vivem o bloqueio ao acesso a bens e direitos econômicos, sociais e culturais e sofrem discriminações e violências. Historicamente, os pobres, os negros, os indígenas, os LGBTQIA+, as mulheres, as crianças, os idosos, os imigrantes, são grupos que estão fora do topo da hierarquia social, são os grupos passíveis de exclusão social e de terem as vidas precarizadas (Souza, 2019).

Focando, por exemplo, na minoria LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e transgênero, Queer, Intersexo, Assexuais e mais diversas outras identidades ou expressões de gênero e orientações sexuais que surgirem): há preconceitos, violências, exclusões e assassinatos por serem quem são. No Brasil, em 2022, 8.028 pessoas dissidentes sexuais e de gênero foram vítimas de violência, um aumento de 39,4% em relação a 2021 (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2024).

Porém, cada nomeação das mais diversas formas de ser e estar no mundo traz mais possibilidade de um respiro em relação à ciseteronormatividade, com mais liberdade, direitos e visibilidade. E traz potência para a luta por igualdade social.

Para Preciado (2015), nosso corpo e experiência sexual não se resumem ao campo biológico, pênis/vagina. Toda corporalidade pode e deve ser liberada para o prazer. Para o autor, a transgeneralidade é uma existência que aprofunda a saída do binarismo de gênero (homem/mulher) e de orientação sexual (hetero/homossexual).

Quando falamos em LGBTQIA+ temos as vertentes de orientação sexual, de gênero, de expressão de gênero e de forma de estar no mundo. Não estamos afirmando dentro de identidades rígidas, que servem para serem usadas como armas ou acirrar preconceitos. Mas estamos dentro de uma visão das identidades fluidas, que favoreçam o diálogo e a luta pelos direitos de ter vida vivível e visível. Nessa visão, temos a fluência do ser e do estar no mundo

não só dentro da Matriz de identidade sociocultural moreniana de fases de nossa história infantil, mas a Matriz que se atualiza no aqui-agora e no devir, mobilizada pela espontaneidade-criatividade mais do que pela identidade.

A desconstrução do binarismo tensiona a relação com o conservadorismo (ou o movimento de grupos dominantes, em sua maioria compostos por homens, brancos, machos e ricos) em várias instâncias da sociedade. Essa tensão ocasiona, por exemplo, as tentativas de regressões em leis favoráveis aos homossexuais; acirramento do discurso religioso, dentro da ideologia da culpa e do pecado; o apoio à “cura gay”, com os profissionais da saúde que ainda patologizam a homossexualidade.

Moreno (1992), os psicodramatistas contemporâneos e os teóricos da cultura e do gênero, com seus estudos, nos trazem uma ética que gera novos espaços de potências e de enfrentamentos sociais. São enfrentamentos que buscam promover relações de poder em que a voz e o direito das minorias sociopolíticas emergem com mais força, e a relação dialógica aconteça entre os diversos grupos sociais.

Em termos práticos, há ações necessárias para nos aproximar do mundo que queremos. É urgente pensar em planos de ação possíveis que viabilizem a atenção de todos os participantes nos eventos psicodramáticos, clínicos e socioeducacionais, e a interrupção de quaisquer atos de violência que destoem do respeito e da ética.

Como exemplos de intervenções, temos trabalhado com sociodramas em cursos, empresas e Congressos, como por exemplo: o curso “Afetividades e sexualidades”; e os sociopsicodramas “Fórum da diversidade” e “Na espiral da diversidade”. No Congresso, dirigimos a vivência: InCORPORando NOSSA VIDA VIVÍVEL. Nesses métodos de ação, em síntese, aquecemos o grupo para viver algumas minorias políticas, e surgem os protagonistas com suas cenas, sofrimentos e angústias. Aparecem as relações de poder na sociedade abusivas e adoecedoras. E o grupo, por meio da vivência de suas cenas escolhidas e com as técnicas como duplo, espelho, solilóquios, interação com a plateia, vai cocriando e encontrando possibilidades de ação que favoreçam o crescimento mútuo.

A Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama (ABP) também busca estar à frente da luta por um psicodrama dentro do mundo que queremos. Em 2023 ocorreu a jornada “Psicodramas: viva a diversidade”, e realizou o primeiro edital para concessão de bolsas de estudo para pessoas pretas, pardas e indígenas, o “Edital Diversidade”, e o psicodrama público “Temática Estética LGBT: da marginalização à liberdade”. Pensar em como incluir mais

diversidade nas instituições que formam os psicodramatistas e nos eventos psicodramáticos é outro desafio urgente.

Nesse processo constante e contínuo, a crítica social e política, a autocrítica, e a consciência do mundo em que vivemos nos ajudam a pensar, repensar, fazer e refazer a ética dentro da utopia moreniana de um mundo melhor e de simbologias que corroborem para que o Psicodrama seja promotor de saúde coletiva e social.

A Borboleta - Quem é? O que faremos dela?

Um dos símbolos do Congresso Brasileiro de Psicodrama de 2024 que mais sinalizou a possibilidade de um Psicodrama inserido em pautas identitárias foram as borboletas no globo feito de arames, na entrada do auditório principal. As borboletas sinalizavam as transformações do mundo que queremos ou do mundo que poderemos ter. Infelizmente, para a maioria, a simbologia sobre a diversidade que se apresentava naquele evento passou despercebida. Como expõe Silva (2023), o simbólico da autopercepção e a criatividade são recursos para o enfrentamento dos conflitos no sentido psicodramático interno.

O Psicodrama é uma abordagem multifacetada, multiartística e cheia de inovações, mas, muitas vezes, nós psicodramatistas estamos tão acelerados em nossas programações que esquecemos que, para haver ato psicodramático, precisa haver liberdade e espontaneidade (Vomero; Nery, 2024), essa ideia advém das asas das borboletas (a identidade, as potencialidades, possibilidades e autenticidade das pessoas).

Essas asas mostram como o Psicodrama pode ingressar nas discussões de gênero e se fazer presente enquanto ferramenta de enfrentamento à LGBTfobia, ao racismo, à desvalidação das pessoas não binárias e de qualquer outra forma de preconceito e exclusão. Essas reflexões e construções iniciais nos ajudam a entender o protagonismo dessas minorias, população que deve ser assistida em suas diversidades e contemplada por ações afirmativas no meio do agrupamento nos Congressos e em outros eventos psicodramáticos coletivos, primando pela pluralidade e pela interseccionalidade em detrimento da cisnorma (Oliveira, 2021).

Nessa perspectiva, entende-se que o casulo (o ambiente psicodramático limitado) estava sendo um “aperto” para os corpos trans que tentam romper as conservas corporais limitantes de homem e mulher. E isso fica claro à medida que poucas pessoas trans e não binárias estavam presentes no Congresso de Psicodrama. Esses fatos tornaram o evento um marco para a proposta de educação nas federadas, utilizando o psicodrama sobre gênero e racialidades (sair do casulo).

Para tanto, podemos pensar a estrutura metálica de arames formando um globo terrestre no monumento de entrada do Congresso como a rigidez do mundo no que tange ao letramento de gênero, raça e classe social. Fica clara a necessidade da educação da diversidade e das ações para tornar o Psicodrama mais plural.

Por fim, temos as borboletas no chão, simbolizando aqueles que não conseguem voar (ampliar seu psicodrama pessoal), os que não buscam entender que o caminho é cocriar o mundo novo. Queremos o mundo tal qual propõem Barcellos e Kawazoe (2024): sair do fazer apenas o que está nos livros e potencializar nossos trabalhos com criatividade, autonomia e legitimação de existências, como o criador do Psicodrama já fazia.

Não se trata de ações isoladas, e sim de algo sistêmico, que deva recair em nossas práticas cotidianas, pois se os psicodramatistas não conseguem notar a simbologia do que eles mesmos criaram como a simples figura de uma borboleta, como criarão possibilidades de um Psicodrama pautado na diversidade? Temos que olhar o Congresso como um todo, com as cores de cada borboleta (diversidade regional e de individualidades).

Quando os psicodramatistas se questionam sobre “Que mundo queremos? Eu, tu, ele e nós!”, estamos, na verdade, colocando para nós mesmos a interrogação de “Que Psicodrama temos feito, e o que queremos ou podemos fazer?”, a partir da visualização das minorias e da necessidade de refazer o caminho que confira acolhimento e entendimento das rupturas e dores que essas pessoas já sofrem.

Lima e Paiva (2023) norteiam sobre o que Moreno apregoava: a autenticidade e a espontaneidade nas ações coletivas. O Psicodrama deve possibilitar aos protagonistas que sejam donos da sua história e livres para guiarem a cena. A/O diretora/or é um parceiro, alguém que está com o protagonista (e com o grupo) com inteireza, e não como um ser que abusa de poder e limita ou determina como as diversidades irão se conduzir no processo.

Esperamos que o Psicodrama e os nossos eventos floresçam – a partir de todos os acontecimentos, incômodos e reflexões – lindos jardins, com as mais diversas borboletas em cores e formas. Que nesse jardim todes sejam livres e possam se expressar sem violências e com aprendizados mútuos. Que as borboletas não sejam ignoradas ou pisoteadas, mas que possam trazer beleza e novas possibilidades para todes nós.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Valéria.; KAWAZOE, Mariana. **Em cena: Psicodrama público contemporâneo**. São Paulo: Ágora, 2024.

BUTLER, Judith P. **A vida psíquica do poder: Teorias da sujeição**. Tradução de Rogério Betoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DEDOMENICO, André Marcelo; MERENGUÉ, Devanir (Org.). **Por uma vida espontânea e criadora: psicodrama e política**. São Paulo: Ágora, 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da violência 2024**. Relatório anual atualiza os principais números sobre a violência no Brasil. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 21 nov. 2024.

LIMA, D. M.; PAIVA, S. F. Por uma epistemologia da espontaneidade: uma reflexão sobre o lugar do psicodrama nas matrizes do pensamento psicológico. **Revista Interagir**, v. 12, n. 124, p. 36-38, 2023. Disponível em: file:///C:/Users/elian/Downloads/Por_uma_epistemologia_da_espontaneidade_uma_reflex.pdf. Acesso em: 21 nov. 2024.

MALAQUIAS, Maria Célia (org.). **Psicodrama e relações étnico-raciais: Diálogos e reflexões**. São Paulo: Ágora, 2020. *E-book*. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=jOzcDwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 21 nov. 2024.

MALAQUIAS, Maria Célia (org.). **Etnodrama: Contribuições do grupo de estudos de psicodrama e relações raciais**. São Paulo: Ágora, 2023. *E-book*. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Etnodrama.html?id=njkY0AEACAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 21 nov. 2024.

MERENGUÉ, Devanir. **Sonho como resistência: Psicodrama e neoliberalismo**. São Paulo: Ágora, 2024.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. 4. ed. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1984.

MORENO, Jacob Levy. **Quem sobreviverá? – Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama**. Tradução de Alessandra Rodrigues de Faria, Denise Lopes Rodrigues e Márcia Amaral Kafuri. Goiânia: Dimensão, 1992.

NERY, Maria da Penha; EUTRÓPIO, Anna Cláudia; VOMERO, Laura Souza de Zingra (org.). **Sexualidade, corpos e poder: desobediências criadoras**. São Paulo: Ágora, 2024.

OLIVEIRA, Iara Ramos de. Formas de matar, morrer e resistir: A saúde mental e integral de pessoas trans negras. *In*: CUNHA, N. (org.). **Enfrentamento dos efeitos do racismo, cissexismo e transfobia na saúde mental**. São Paulo: Amma Psique, 2021. *E-book*. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=4989490&forceview=1>. Acesso em: 21 nov. 2024.

PRECIADO, Beatriz. Tradução de Marie-Hélène Bourcier. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: N-1 edições, 2015.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**. Crônica de uma travessia. São Paulo: Zahar, 2020.

SILVA, Maria Carmo do Colturato. Psicodrama e imagens simbólicas: autopercepção e criatividade no enfrentamento de conflitos. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [S. l.], v. 31, p. 1-9, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/3PNWqhzwCmh55FYgJmDrdcB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

VIEIRA, E. D. Possibilidades psicodramáticas de resistência ao fascismo contemporâneo. *In*: DEDOMENICO, André Marcelo; MERENGUÉ, Devanir (Org.). **Por uma vida espontânea e criadora: psicodrama e política**. São Paulo: Ágora, 2020. p. 19-35.

VOMERO, Laura de Souza Zingra; NERY, Maria da Penha. Escola da anarquia: psicodrama e letramento LGBTQIA+ e racial. **Revista Brasileira de Psicodrama**, [S. l.], v. 32, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/660>. Acesso em: 25 nov. 2024.

VOMERO, Laura de Souza. Zingra. Conserva corporal: via de acesso para a (des)colonização do inconsciente. *In*: NERY, Maria Penha da; EUTRÓPIO, Anna Cláudia; VOMERO, Laura de Souza Zingra (org.). **Sexualidade, corpos e poder: desobediências criadoras**. São Paulo: Ágora, 2024.